



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS

TÚLIO CORDEIRO DE SOUSA

**ERIC DRAVEN, DE “O CORVO”: RESQUÍCIOS DO HERÓI BYRONIANO NA HQ
DE JAMES O’BARR**

Orientador: Ms. Auricélio Soares Fernandes

GUARABIRA – PB

2018

TÚLIO CORDEIRO DE SOUSA

**ERIC DRAVEN, DE “O CORVO”: RESQUÍCIOS DO HERÓI BYRONIANO NA HQ
DE JAMES O’BARR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB,
Campus III, Guarabira, em cumprimento aos
requisitos para obtenção do grau de Licenciatura
em Letras - Habilitação em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares
Fernandes

GUARABIRA - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Túlio Cordeiro de.
Eric Draven, de "O Corvo": [manuscrito] : resquícios do herói Byroniano na HQ de James O'Barr / Túlio Cordeiro de Sousa. - 2018.
41 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Gótico. 2. Herói Byroniano. 3. HQ. 4. "O Corvo".
21. ed. CDD 801.95

‘TÚLIO CORDEIRO DE SOUSA
ERIC DRAVEN, DE “O CORVO”: RESQUÍCIOS DO HERÓI BYRONIANO NA HQ
DE JAMES O’BARR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura e Estudos Culturais

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes.

Aprovada em: 15/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFPB)

Marta Furtado da Costa

Profa. Dra. Marta Furtado da Costa (Examinadora 1)
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

Rosângela Neres J. Silva

Profa. Dra. Rosângela Neres (Examinadora 2)
(Universidade Federal da Paraíba -UEPB)

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha mãe e ao meu padrasto responsáveis pela minha criação. Agradeço aos dois por todo o suporte que me deram durante minha vida, foi graças a eles que consegui agarrar e finalizar a oportunidade de estudar em uma universidade pública.

Agradeço imensamente aos meus professores da universidade, que me provaram que a educação é a coisa mais importante de uma sociedade. Expresso minha gratidão aos excelentes professores que ajudaram bastante na formação do meu conhecimento. Em especial, à professora Dra. Marta Furtado, que me ensinou a fazer ciência e foi como uma segunda mãe, dando toda a assistência nas relações acadêmicas e pessoais; ao professor, orientador e amigo gótico, Auricélio Soares, que além de me ajudar a fazer um trabalho com essência *underground*, me ensinou que não podemos mentir sobre o que somos e devemos dar o melhor de si para tudo que acreditamos.

Além do mais, brindo a todas as pessoas que algum dia já me proporcionaram momentos inesquecíveis e irreversíveis ao fator tempo proporcionador da maturidade. As pessoas com quem dividi um momento de reflexão, tanto dentro quanto fora da universidade. Assim como as pessoas que me deram atenção quando meus pensamentos se perdiam em frustração, tão como aos que dividiram comigo moradia e experiências.

Finalizo agradecendo minha companheira de todas as horas e formadora do meu caráter: a música, parafraseando Nietzsche, acredito que a vida seria um erro sem ela; Esse era um dos muitos pensamentos que tínhamos em comum, por isso agradeço eternamente ao meu amigo, Yago, que quando não viu mais luz virou uma estrela, a sua inigualável empatia dividiu o pouco da sua luz fruto de sua total escuridão com todos que o amam... obrigado Yago, parece que agora você é tão lembrado quanto David Bowie, Kurt Cobain e Ian Curtis...

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como o herói Byroniano influenciou o personagem Eric Draven do romance gráfico “O Corvo” (2011) de James O’Barr. Assim como apontar os aspectos advindos de toda uma cultura considerada gótica, responsáveis por influenciar o enredo e a estética da HQ. Para entender o discurso do gótico traremos as considerações de David Stevens (2000), que aborda a tradição gótica na história da humanidade, enfatizando seus traços estéticos mais relevantes. Apontaremos também considerações acerca do gótico nas considerações encontradas nas diversas partes de um quadrinho, apontadas por Cagnin (1975) que discorre sobre partes de uma narrativa quadrinizada. Essas contribuições em conjunto com a leitura da linguagem simbólica, apontada por Umberto Eco (2011), que também traz relevantes considerações sobre a narração de uma HQ entre os desenhos, ou imagens do quadrinho, foram o principal norte teórico da ideia geral do trabalho. Dentre outros autores, apontaremos referências a Pierce (1975), bem como Atara Stein (2009) cuja teoria sobre o herói byroniano pós-moderno traz apontamentos sobre o personagem Eric Draven, protagonista da HQ foco de nosso estudo.

Palavras-Chave: Gótico; Herói Byroniano; HQ; “O Corvo”.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze how the Byronic hero influenced the character Eric Draven in the graphic novel *The Crow* (2011) by James O'Barr. As well as to point the aspects coming from a whole culture considered gothic which was responsible for influencing the plot and the aesthetics of the HQ. In order to understand the discourse of the gothic we will bring the considerations of David Stevens (2000), who points the enormous gothic tradition in the history of the humanity, emphasizing its most relevant aesthetic features. We will also point considerations about the Gothic in the considerations found in several parts of a comic which is pointed by Cagnin (1975) who discuss about the parts in the narrative of a comic book. These contributions together with the reading of the symbolic language, pointed by Umberto Eco (2011), who also brings relevant considerations about the narration in a comic between the drawings, or images of a comic, it was the main theoretical north of the general idea of the work. Among other authors, we will point references to Pierce (1975), as well as Atara Stein (2009), whose theory about the postmodern Byronic hero brings notes about the character Eric Draven, protagonist of the HQ and the focus of our study.

Keywords: Gothic; Byronic Hero; HQ; "The crow".

Sumário

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 O GÓTICO NA CULTURA DE MASSA CONTEMPORÂNEA..... | 10 |
| 3 O DISCURSO GÓTICO NA HQ..... | 18 |
| 4 QUADRINHOS E SUAS FORMAS | 20 |
| 4.1 NÍVEIS EM QUE SE PROCESSA A LEITURA DA IMAGEM (DESENHO) | 23 |
| 4.2 TEMPORALIDADE NA HQ..... | 24 |
| 5 A CRIAÇÃO DA OBRA “O CORVO” | 24 |
| 5.1 “O CORVO”: ERIC DRAVEN COMO HERÓI BYRONIANO | 25 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 39 |
| 7 REFERÊNCIAS:..... | 41 |

1 INTRODUÇÃO

O melodrama está presente na vida contemporânea e diariamente sujeitos são afetados de várias formas por uma espécie de apatia, o que pode resultar na criação de uma atmosfera melancólica em suas essências. A melancolia coloca sujeitos em um estado de profunda tristeza, mas para os românticos do século XVIII, isso representava uma experiência que enriquecia até mesmo a alma. São inúmeras as obras que invocam tendências sombrias da mente, sendo representadas em falas e atos de personagens muito conhecidos da literatura, em tendências aderidas por filmes, em letras e em melodias de músicas, entre outros exemplos.

Se pudéssemos escolher uma cor para representar sentimentos, sem dúvidas o preto representaria os sentimentos obscuros mais próximos da depressão. O preto é treva. As trevas representam a total ausência de luz. E quando não há luz só resta o negrume. É nesta perceptiva que, em 1989, James O'Barr lança, de forma independente, uma HQ intitulada de "O Corvo", que ao longo dos anos alcançaria a marca de mais de 750,000 mil exemplares vendidos¹. O Corvo foi impresso em preto e branco, e carrega como influência a total tristeza, da dor que o autor sente nos anos que seguem após a morte de sua esposa.

Com a publicação de uma história considerada gótica, "O Corvo" (2011) tem como temas centrais a tristeza, a melancolia, o medo, a raiva e a morte, que definem o conflito interno que move o personagem principal, Eric Draven. A tradição de enredos góticos tem como principais cenários lugares com atmosferas escuras e situações ligadas ao sobrenatural. As principais características do gótico advêm de um movimento que ficou conhecido como o Romantismo, responsável por agregar trabalhos de várias áreas, e estabelecendo um molde do que pode ser considerado como gótico e romântico.

O objetivo deste trabalho é analisar como o herói romântico, fruto do romantismo inglês, influenciou o personagem principal da HQ, e como os aspectos advindos de toda uma cultura considerada como gótica, foram responsáveis para a criação dos elementos que regeriam o foco, o enredo, e a estética da obra.

Os motivos que levaram a realização deste trabalho se deram pela riqueza de elementos góticos e fragmentos de herói byroniano no personagem Eric Draven. Além do mais, toda uma cultura poética, musical de natureza *underground*² é invocada para que o

¹"The first mini-series was published in 1989. *The Crow* has since sold more than 750,000 copies worldwide.". Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/James_O%27Barr#cite_note-5 Acesso em 01 de junho de 2018.

² *Underground*, ou cultura *underground*, é uma expressão que usamos para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos, com membros que de vivem o oposto do que se é proposto como ideal por grande parte da sociedade.

enredo da história se torne ainda mais rico em questões referenciais ao que pode ser considerado como gótico e romântico.

No tópico 2, mostraremos o que é o gótico e como ele influenciou diversas áreas como arquitetura, literatura, cinema, a música e as HQs. Para isso, apontaremos as considerações de Stevens (2000), que detalha as origens do gótico, nos possibilitando entender o que é o gótico e qual a sua ligação com o romantismo.

No tópico 3, apontaremos o que pode ser entendido como discurso gótico da HQ, e qual as características que definem um herói romântico. A forma como fazemos a leitura da HQ, necessita uma forma específica de leitura para o gênero. Dessa forma, no tópico 4, apontamos como acontece a narrativa de uma história em quadrinhos, usando considerações de Cagnin (1975). Ademais, no tópico 5, mostrares a origem da obra de O'Barr, e em seus subtópicos apresentaremos quais são os resquícios de herói romântico que o personagem Eric Draven apresenta, assim como a ideia do gótico presente na história e na estética da HQ.

2 O GÓTICO NA CULTURA DE MASSA CONTEMPORÂNEA

No mundo contemporâneo não é difícil ouvirmos o termo “gótico”, que pode ser interpretado pelo senso comum como uma série de *anti-padrões*, que causam impacto visual ou sentimental, e que de alguma forma estejam ligados ao mundo *dark*, das culturas obscuras com formas que fogem das consideradas “padrões” pela sociedade, e muitas vezes, numa relação íntima com o sobrenatural. Entramos em contato com o mais popular do gótico quando notamos suas inúmeras expressões e proporções, como nas histórias em quadrinhos do Batman, nos contos de Edgar Allan Poe, nos poemas de Lord Byron, nos filmes de Tim Burton, nas músicas do The Cure. Todas essas formas nos levam a uma visão estereotipada de pessoas que chamam a atenção com suas maneiras peculiares e vestes pretas, formando também os melodramas presentes na moda contemporânea.

De fato, o gótico pode ser associado a diversas explicações que variam de contribuições cinematográficas, artísticas, musicais, literárias e até arquitetônicas. Isso tudo porque a história do gótico foi inicialmente associada ao antigo, ao medieval. De acordo com Stevens (2000), tribos germânicas conhecidas como Godos³ agiram na “desintegração do império romano no século IV” e com o passar dos séculos, a maioria dos Godos teria fincado suas raízes e genética nos povos alemães, junto aos anglo saxões que residiam nas ilhas

³ Em inglês *Goths*.

britânicas. Foi graças a esse cenário, que se criou um ar gótico em meio a tradição nativa europeia, cuja a mesma ia de encontro ao imperialismo “*foreign*”⁴, instalado com a invasão Nômade em 1066 cujo regime autoritário se estabeleceria posteriormente.

Stevens (2000) aponta que as agitações políticas e as reformas sociais europeias do século XVIII, interpretaram um forte entusiasmo autoritário advindo da monarquia com suas regras e convenções anacrônicas. Esse anacronismo notado em um contexto político e social, impulsiona a chegada do gótico na época, mas com raízes ainda medievais. Os góticos, no contexto histórico inglês desse período são lembrados por representar uma “hierarquia e aristocracia contra os perigos modernos, e ideias populares”⁵ (STEVENS, 2000, p. 9) O termo gótico, do inglês *gothic*, pronunciado como *gothick*, pode ter várias representações como explica Victor Sage em *The Gothick novel: A Selection of Critical Essays* (1990):

[...] o próprio termo gótico é ambíguo, incorporando muitos matizes e combinações de associação. Para o leitor de meados do século XVIII, era uma intersecção quase imprevisível da crença religiosa, do gosto estético e da inclinação política. (SAVAGE, 1990 apud STEVENS, 2000, p. 8, tradução nossa)⁶.

Entretanto, as primeiras manifestações góticas aparecem muito antes do século XVIII. Se pensarmos como historiadores da arquitetura e da arte e situarmos o gótico na Europa ocidental entre os séculos XII e XIII, período considerado a baixa da Idade Média, o termo vai representar os novos meios de manifestações arquitetônicas da época. Nesse período, ocorria um forte desenvolvimento urbano, e as cidades europeias eram estimuladas por novas formas *góticas arquitetônicas*, presentes nos monumentos religiosos através de uma forma arquitetural específica, com formato ogival, com abóbodas e fachadas verticais, o que dava maior leveza e iluminação dentro do ambiente, como vemos na imagem a seguir:

⁴ Steven (2000) aponta que as pessoas nativas europeias que tinha raízes germânicas consideram os nômades *estrangeiros* invasores

⁵ Trecho original: [...] the gothic represented tradition, hierarchy and aristocracy as against modern dangerous, democratic – or at least populist ideas.

⁶ O trecho na sua fonte de origem é: “the term gothic itself is an ambiguous one, incorporating many shades and combinations of association. For the mid-18th century reader, it was an almost unpredictable intersection of religious belief, of aesthetic taste and political inclination”.



Figura 1: Catedral Basílica Real de Saint Denis marco histórico da arquitetura gótica.⁷

Por outro lado, nas Letras, a literatura gótica está vinculada a um movimento poético que se inicia na metade do século XVIII, em um contexto que ficou conhecido como o pré-Romantismo europeu. O termo *literatura gótica* aparece pela primeira vez na obra *O castelo de Otranto* (1764), do escritor aristocrata Horace Walpole. O autor intitulou sua obra como *A gothick story*, sendo um marco do primeiro terror gótico da literatura, e que dele derivaram outros tantos autores, como Ann Radcliffe, Bram Stoker, Edgar Allan Poe e o contemporâneo Stephen King. O romance é responsável por ser o pioneiro na forma de representar atmosferas específicas do gênero, geralmente situadas em lugares escuros e mal-assombrados. A narrativa criada por Walpole se passa em um castelo no sul da Itália por volta do século XI, onde um príncipe chamado Manfred se apodera de um castelo que não lhe é herdado, e sabe-se que existe uma maldição que prevê que coisas terríveis possam acontecer para uma pessoa que comete tal delito. A narrativa tem como principais características: o cenário de um castelo antigo com fantasmas, corredores sombrios, passagens subterrâneas e mortes inexplicáveis.

É possível notar as contribuições do Romantismo para a literatura, nas manifestações que se iniciam na segunda metade do século XVIII e dura até a metade do século XIX, tendo seu início como marco da rejeição às ideias classicistas. Diferentemente do classicismo que tinha suas principais características baseadas na harmonia, no equilíbrio e na racionalidade, o

⁷Imagens disponíveis em:

<https://i0.wp.com/feriaspelomundodotcomdotbr.files.wordpress.com/2016/04/paris-saint-denis-cathedral-interior.jpg?resize=629%2C472&ssl=1> Acesso em 29 de abril de 2018.

romantismo por outro lado, dá ênfase à subjetividade do sujeito, a irracionalidade, as emoções pessoais, ao imaginário e ao transcendental.

Como existem contribuições de diferentes épocas para o romantismo europeu, boa parte do movimento que se iniciou no século XVIII é chamado de pré-romantismo, dentre algumas obras podemos citar *Seasons* (1730) de James Thomson, que já mostrava a hipertrofia da sensibilidade que direcionava a imaginação.

Já o romantismo inglês é dividido em duas gerações, sendo as contribuições mais influentes da primeira geração em obras como *Songs of Innocence* (1789) de William Blake e *Lyrical Ballads* (1798) de William Wordsworth e Samuel Coleridge. Os principais temas dentro do movimento poético eram a apreciação das belezas da natureza, a emoção sentida pelo indivíduo como fator mais importante que a razão, a idealização de mulheres e amores platônicos, a vida longe da sociedade, rejeitando a industrialização e valorizando o passado, incluindo eventos sobrenaturais ou mitológicos em seus versos.

Se por um lado a primeira geração de poetas românticos acreditava que a poesia devia ser escrita de acordo com a simplicidade da língua usada pelo homem, tendo assim a linguagem e a estrutura simples adotadas por Blake, por outro lado, os poetas românticos da segunda geração, como Lord Byron e Percy Shelley, eram muito mais complexos e refinados, usavam diversas referências mitológicas e escreviam em uma estrutura mais elegante que davam balanço e musicalidade aos seus versos. Nas duas gerações existiu o uso experimental da linguagem, sendo o foco principal das obras o relato da experiência do eu, que devido a fatores não atribuídos à racionalidade, poderiam ligeiramente se conectar ao sublime.

O que seria a cultura considerada gótica, se não a ligação do indivíduo com experiências desconfortantes, e às vezes, inexplicáveis? O ser gótico está sujeito a sentimentos que o levam a vários estados da mente, como depressão, melancolia, incerteza, morbidade, personalidade suicida, vingativa e ou autodestrutiva. A morte, na maioria das vezes, tem uma ligação com características que são postas ao longo dos anos por representantes do gênero literário gótico. No poema *Darkness* (1816) de Lord Byron⁸, temos um exemplo de características obscuras e pessimistas que mostram uma incerteza sobre o futuro. Vejamos alguns trechos do poema:

[...] O sol esplêndido extinguiu-se, e as estrelas
Vaguejavam escuras pelo espaço eterno,
Sem raios nem roteiros

⁸ Lord Byron foi um poeta britânico e é considerado um dos mais influentes escritores do romantismo inglês.

[...] Veio e foi-se a manhã – veio e não trouxe o dia;
 E os homens esqueceram as paixões, no horror
 Dessa desolação [...] Numa prece egoísta que implorava luz
 [...] Expectativa pavorosa era a do mundo
 [...] – e tudo era negror
 [...] Alimentando a pira, e a vista levantavam
 Com doida inquietação para o trevoso céu
 [...] aves bravas davam gritos
 E cheias de terror voejavam junto ao solo,
 Batendo asas inúteis
 [...] qualquer refeição comprasse com sangue;
 E cada um sentava-se isolado e torvo,
 Empanturrando-se no escuro
 [...] a terra era uma idéia só – e era a de morte [...]
 (BYRON, 1989, p. 93-95).

Os mesmos versos de *Darkness* em inglês:

[...] The bright sun was extinguish'd, and the stars
 Did wander darkling in the eternal space,
 Rayless, and pathless
 [...] Morn came and went – and came, and brought no day;
 And men forgot their passions in the dread
 Of this their desolation [...] Were chill'd into selfish prayer for light
 [...] A fearful hope was all the world contain'd
 [...] -and all was black
 [...] Their funeral piles with fuel, and look'd up
 With mad disquietude on the dull sky
 [...] the wild birds shriek'd
 And, terrified, did flutter on the ground,
 And flap their useless wings
 [...] a meal was brought with blood
 And each sate sullenly apart
 Gorging himself in gloom
 [...] All earth was but one thought – and that was death [...]
 (BYRON, 1989, p. 92-94).

Byron, por meio do poema, expressa uma metáfora pessimista sobre o fim dos tempos, quando as trevas tomarão conta de tudo, um sentimento gótico expresso em ar melancólico, onde se pensa na ideia de que estrelas não brilham e dias não são iluminados, uma sensação tão obscura que “tudo era negror”, a fome só se matava por meio do sangue, nem os pássaros se mostram aves livres, mesmo estando a voar pela natureza. Todas as apresentações postas pelo eu-lírico nos levam a uma ideia, “e era a de morte”.

O gótico está ligado ao romantismo, presente no final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. Nessa época, explica Stevens (2000, p. 10), as ideias do que era gótico iam contra aos ideais neoclassicistas de “*good order and good taste*”, ainda aclamadas na cultura europeia. Neste século, a pintura conhecida como *El sueño de la razon produce monstruos* (1799) de Goya, é aclamada por sua representação de significados do contexto do movimento gótico, ou “*perhaps the most important single image for the historian of the gothic*”, como aponta Stevens (2010, p. 10).



Figura 2: Pintura de Goya, El sueño de la razon produce monstruos.[6]

Notamos na pintura um homem dormindo, com as mãos na cabeça, sobre aquilo que parece ser escrituras, porque temos ao lado da sua mão uma caneta. Vemos também algumas corujas, morcegos, espécies de monstros que o rodeiam, criando uma atmosfera obscura para a obra. Na Pintura de Goya, a forma de expressar a ligação do homem com coisas perturbadoras faz parte das ideias do período romântico, uma vez que a razão dorme, abre a possibilidade da criação de coisas antes tidas como não possíveis, ou simplesmente, desconhecidas e talvez sobrenaturais. A imaginação era o fator primordial do romantismo.

No poema *The Marriage of the Heaven and Hell* (1790), de seu contemporâneo, William Blake, temos a ideia de que a imaginação é algo que não é vista com bons olhos por anjos, uma metáfora para mostrar que esse caminho tende a ser insano e atormentador, nota-se essa referência quando o poeta diz: “Eu estava andando em meio ao fogo do inferno, encantado com os prazeres do gênio, que para os anjos se parecem com o tormento e a insanidade” (BLAKE, 1906, tradução nossa)⁹.

O Romantismo também tem sua contribuição para a música e pode ser notado nas composições de Ludwig Van Beethoven, basta ouvir a *Sinfonia Eroica* (1808) que é notável uma composição que não segue uma linearidade, transpassa sentimentos de angústia, tristeza e fúria. Da mesma forma, na contemporaneidade, o gótico influenciou a música, sobretudo no movimento pós-punk do final dos anos 1970. Com letras melancólicas e musicalidade sombria, acompanhada de uma ideia de visual gótico, que foi aderido pelos fãs do gênero e responsáveis por resgatar o gótico para o século XX. Com isso, o gênero ganha ainda mais força para transcender e ainda ser exaltado na moda contemporânea, que carrega influências estéticas do gótico até os dias atuais.

Tais influências partem de jovens ingleses que no final da década de 1970 seguiam um movimento encabeçado por bandas como The Cure, Bauhaus, Joy Division, Sisters of Mercy, Depeche Mode, entre outras. A estética e os figurinos góticos desses jovens se baseava-se no uso de roupas geralmente pretas, peças de couro escuro, uso de crucifixo e peças de caveiras como cordões, anéis e cintos. Os penteados eram desarrumados, tendências que partiam de Robert Smith¹⁰. A maquiagem pesada, enfatizando os tons pálidos da pele, deixava claro que entre os góticos dessa época havia uma forte ligação com os românticos ingleses da segunda geração com um tom de modernidade estética visual.

⁹ No original: “I was walking among the fires of Hell, delighted with the enjoyments of genius, which to angels look like torment and insanity” Disponível em:

<https://archive.org/stream/marriageofheaven00blak/marriageofheaven00blak_djvu.txt>

¹⁰ [8] Robert James Smith é um músico britânico. É o vocalista, guitarrista, compositor e membro fundador da banda inglesa The Cure. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Smith Acesso em 27 de abril de 2018.



Figura 3: Vocalista do The Cure, Robert Smith, em Nova Iorque no ano de 1985, por Ebet Roberts.¹¹

As manifestações advindas da literatura e do contexto *gothic rock* dos anos 1980, permanecem até os dias atuais, influenciando novos músicos do gênero e seus subgêneros, na moda e no cinema contemporâneo. O maior exemplo de manifestação gótica moderna no cinema pode ser encontrado nos filmes do cineasta Tim Burton. É notável o conceito do gótico transmitido em seus filmes como “Edward Mãos de Tesoura” (1991) e a animação a “Noiva-Cadáver” (2005). Além de cenários e figurinos que remetem a ideia do gótico, nesses dois filmes temos a morte como personagem essencial para a trama, marcando mais uma característica do gênero.



Figura 4: Podemos notar a estética gótica no personagem Edward, com penteado escuro e desarrumado, pele pálida e mãos não humanas.¹²

¹¹ Robert James Smith é um músico britânico. É o vocalista, guitarrista, compositor e membro fundador da banda inglesa The Cure. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Smith Acesso em 27 de abril de 2018.

¹² Imagem do filme Edward Mãos de Tesoura. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/cinema/542617/10-curiosidades-de-edward-maos-de-tesoura-ator-que-recusou-papel-e-mais> Acesso em 29 de abril de 2018.

No filme, o personagem Edward é o centro da história, e carrega características que em muito se assemelham ao monstro criado por Victor Frankenstein no romance de ficção gótica *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley. Ambas criaturas foram feitas por cientistas que tinham como principal intuito gerar vida, mas ao contrário de Victor Frankenstein que abandona sua criatura logo após a criação, o criador de Edward o cria com muito amor o tratando como um filho. Entretanto, antes de concluir seu trabalho, o pai de Edward morre, não conseguindo concluir o trabalho e deixando o personagem com tesouras no lugar de suas mãos. Edward, assim como a criatura de Frankenstein, é um ser estranho e tem traços bizarros, como é o caso de suas mãos não humanas. Os dois mesmo não sendo seres humanos carregam traços humanos. Em Edward notamos uma grande inocência e um conflito interno, que o torna um ser melancólico. Tanto o monstro de Frankenstein quanto Edward, sofrem dificuldades com relações humanas, o fator principal são suas formas físicas que fazem com que sejam vistos como estranhos, e percebidos pela sociedade como algo que não necessariamente são, sofrendo preconceitos que provocam nos personagens sentimentos como solidão, angústia e melancolia.

Da mesma forma muitos quadrinhos têm a sua contribuição para que o gótico permaneça vivo. Um personagem como o Batman da *DC comics*, que teve sua primeira aparição em 1939 na revista *Detective Comics #27* e foi criado por Bo Kane e Bill Finger, carregam a ideia do gótico a cada trama do personagem. As histórias do Batman, na maioria das vezes, se passam na cidade de Gotham City, um lugar onde o crime sempre está em alta, e o herói parte para a defesa da justiça em meio as sombras noturnas, onde a atmosfera da cidade ilustra o quão *dark* um personagem e uma cidade podem ser. Em 1992 nas bancas de revistas do Brasil chega uma HQ chamada *Batman: Gótico*, pela editora Abril, escrita por Grant Morrison e ilustrada por Klaus Janson. Todo o material que foi publicado em forma de minisséries semanais foi retirado da revista americana *Batman: Legends of the Dark Knight* (1989), que contava com uma série de versões do Batman por diversos autores, o título em inglês da contribuição de Morrison e Janson é *Batman Gothic: A Romance* (1990).

3 O DISCURSO GÓTICO NA HQ

Para captarmos elementos do discurso¹³ do gótico, no romance gráfico¹⁴ “O Corvo” (2011), precisamos entender como funciona a leitura da estética quadrinizada. Para

¹³ Quando falamos em discurso do gótico, nos referimos aos elementos significativos da linguagem artística que apontam sentido negativo, melancólico, violento, depressivo e obscuro.

analisarmos o gótico em ação na obra de O'Barr (2011), precisamos identificar os mecanismos que transpõem os componentes significativos e que formam a estética obscura da HQ, pois os quadrinhos apresentam a sua própria estrutura. A leitura é feita de formas diferentes em várias formas narrativas. Lemos um romance de uma forma, já um poema ou uma peça teatral, um conto ou até mesmo um filme, de outras formas. Assim, nota-se que cada gênero discursivo ou literário requer uma prática semiótica de narração verbo, visual ou verbo visual através de um mecanismo específico de leitura.

Os principais elementos do discurso gótico no enredo da história “O corvo” (2011), são notados em seus temas sombrios, em conjunto com o visual preto e branco (*chiaroscuro*) da HQ, que torna explícito um discurso que revela elementos da tradição gótica. Os tópicos que se relacionam na história mostram uma combinação de discurso pessimista, melancólico e vingativo, em um espaço escuro, onde os cenários são noites chuvosas e o personagem principal tem uma forte ligação com a morte, entrelaçando o puro sentimento de amor, mas com o pesar causado pelas barbáries mundanas.

De acordo com Moacyr Cirne (1975, p. 17) “qualquer nível narracional implica uma realidade sintagmática que constitui o suporte estruturalizante de determinados modelos estéticos”. Dessa forma, a leitura do discurso do gótico que apontaremos em “O corvo” (2011) se dará a partir de elementos de uma linguagem quadrinizada específica. Como aponta Cirne (1975, p. 18), “o discurso narrativo, como expressão determinante de uma certa prática criativa, elabora modelos pensados pela ideologia.”. Essa ideologia perpassa para a prática semiológica, e assim encontramos os elementos que estruturam a estética gótica. Neste trabalho, isso refletirá em como o discurso do gótico é representado no meio visual, através de uma tradição cultural e artística que já dura mais de 300 anos.

De acordo com Pierre Macherey, citado por Cirne (1975, p. 16) quando estudamos uma obra, devemos ficar atentos a relação de duas realidades que se completam como totalidade, “o momento histórico e a sua exata ideologia”. Por isso, é importante entender toda a ideia que o gótico vem expressando ao longo dos anos, desde mesmo antes do romance de ficção gótica *Drácula* (1897), referido por muitos críticos como o maior exemplo de romance gótico, até aos ambientes sombrios dos filmes de Tim Burton e a musicalidade e visual aderidas pelos góticos e *new romantics* do final da década de 1970 na Inglaterra, que se subdividiam em subgêneros e se alastrando pelo mundo.

¹⁴ É considerável romance gráfico as histórias em quadrinhos de longa duração. São exemplos de romance gráficos “Sandman” (1989) de Neil Gaiman e “Sin City” (1991) de Frank Miller.

4 QUADRINHOS E SUAS FORMAS

Os quadrinhos são bastante conhecidos no mundo todo, e existem de várias formas e diferentes nomes, como HQ, histórias quadrinizadas, historietas, *comic books*, gibi, romance gráfico e etc. Todos esses nomes nos levam na mesma direção e à mesma ideia: Uma história narrada elementos verbais e não verbais (imagens). Pelo fato do uso de imagens, desde cedo as pessoas são atraídas pela admiração de narrações com imagens. É fato que, o primeiro contato de algumas pessoas com a leitura foi através de histórias quadrinizadas. Isso mostra o impacto dos quadrinhos no mundo e reafirma a popularidade das HQs, uma vez que existe uma conexão a situações que refletem contextos corriqueiros, narrados através de traços e palavras dinamizadas, em uma forma lógica para o contexto da mensagem que se pretende passar.

O início dos quadrinhos acontece em 05 de maio de 1895, quando um dos jornais de Nova Iorque chamado *World* publica em preto e branco *Down Hogan's Alley*. Logo essa publicação serviu para o surgimento da primeira história em quadrinhos *O Menino Amarelo*¹⁵. As publicações em pequenos espaços dos jornais ficaram conhecidas entre os leitores como *comics strips*, pelo fato de terem um conteúdo humorístico. Os quadrinhos aparecem no cenário norte americano seguindo padrões representativos de uma determinada ideologia presente no país, mas com o passar do tempo os quadrinhos mostraram ter sua liberdade criativa e sua independência para expressar o tipo de mensagem que (o autor) quiser passar, e ser distribuída de formas independentes ou de canais específicas para a comercialização das HQs. Vemos que atualmente se pode encontrar as histórias em quadrinhos em vários lugares, entre bancas de revistas com finalidade lucrativa à questões de vestibulares, mostrando a importância da linguagem dos quadrinhos para o mundo.

Para entendermos como se materializa o discurso do gótico em “O corvo” (2011), usaremos algumas breves considerações da semiótica de Pierce. Tal ciência pode ser compreendida de tal forma que “basta substituir a noção de evidência por uma concepção muito mais ampla que é a concepção de representação ou signo” (SANTAELLA, 2001, p. 31). Esta ideia de Pierce parte da colocação de Savan (1980):

¹⁵ Título original: *Yellow Kid* criado por Richard Felton e impresso colorido pela primeira vez em, em 16 de fevereiro de 1896. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/yellowkid.pdf> Acesso 30 de maio de 2018.

[...] todo conhecimento, desde a adivinhação mais espontânea até a certeza mais demonstrativa, está fundamentado em evidências; ele é suportado por dados, credências, garantias e premissas. Os dados não são em si mesmo evidências para aquilo que eles atestam; eles devem ser interpretados para ser evidências, para dar alguma credibilidade àquilo que eles suportam” (SAVAN, 1980, p. 255 apud SANTAELLA, 2001, p. 31)

Nesta perspectiva, Pierce aponta a ideia que toda interpretação pode ser considerada um signo, e não podendo existir interpretação sem signo. É notável que as considerações de Ferdinand de Saussure impressas no livro *Curso de Linguística Geral* publicado pela primeira vez em 1916, influenciaram Pierce para a criação da semiótica. A ideia de signo é explicada por Saussure, que afirma que:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p. 80)

Desta maneira, Pierce percebe que tudo que pode representar algum conceito para um intérprete, pode ser considerado um signo, uma vez que o signo invoca e uni “conceito e uma imagem” como já supracitado. Savan (1994) citado por Santaella (2001, p. 31), afirma que “Pierce percebeu imediatamente que essa concepção de representação ou signo é fundamental não apenas para a ciência, mas também para a linguagem, arte [...] fundamental ao pensamento, ação, percepção e emoções humanas.” A noção de signo que parte da semiótica de Pierce abrange um campo de inúmeras possibilidades. Santaella (2001) parafraseando Pierce, que diz que o signo engloba:

qualquer pintura, diagrama, grito natural, dedo apontado, piscadela, mancha em nosso lenço, memória, sonho, imaginação, conceito, indicação, ocorrência, sintoma, letra, numeral, palavra, sentença, capítulo, livro, biblioteca (SANTAELLA, 2001, p. 39).

Assim, as HQs podem ser consideradas importantes ferramentas linguísticas que carregam uma gama de signos a serem interpretados, apresentados por meio das diferentes técnicas e formas que cada desenho tem, induzindo um significado que é organizado de maneira intencional conectando discurso verbal e não verbal que agem como signos.

O estudo da linguagem dos quadrinhos vem ganhando destaque nas últimas décadas e contribuições contemporâneos são cada vez mais publicadas. A forma de entender a

linguagem presente nos quadrinhos mudou desde das contribuições de alguns autores renomados, dentre eles, o italiano Umberto Eco. No Brasil, as primeiras publicações de destaque sobre o assunto foram feitas por Antonio Luis Cagnin (1975), que questiona:

Quais, [...] os elementos constitutivos do sistema quadrinado? Quais os do sistema narrativo em quadrinhos? Como nasce o significado da imagem? da história? Como as imagens se montam em sequência, em discurso narrativo? (CAGNIN, 1975, p. 16)

Desses questionamentos surgem as colocações postas pelo autor, que afirma que “a história em quadrinhos é um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: - a imagem, obtida pelo desenho; a linguagem escrita” (CAGNIN, 1975, p. 24). O autor explica ainda que a diferença entre esses dois signos deve ser pensada de forma que exponha conceitos diferentes para a classificação de tais, uma vez que, a imagem é um elemento figurativo, e o texto, um elemento linguístico integrado no sistema narrativo.

Os desenhos nos quadrinhos, ou *imagens* desenhadas, fazem o papel de signo analógico (CAGNIN, 1975, p. 30), isso porque elas têm uma relação próxima com a semelhança do objeto que é representado, fazendo com que a forma física do objeto em questão seja exposta, o que consequentemente cria o efeito de realidade. O autor aponta que a forma de leitura dos quadrinhos vem de um todo representativo:

A leitura em busca do significado não é unidirecional, em linha, como na escrita, ou em momentos sucessivos, como na fala, é contínua; a sua significação vem do todo, é próxima do modo de ver e entender as coisas reais, e forma, portanto, um inventário aberto, como o dos signos linguísticos, com exceção dos abstratos. Será chamado, freqüentemente, de visual. (CAGNIN, 1975, p. 30)

Nesta perspectiva, subentende-se que na leitura dos quadrinhos existe uma conciliação entre signos, para entendimento geral da mensagem narrada. Isso implica em dizer que, assim como o texto (elemento verbal) das HQs têm algo a dizer sobre a narrativa, as imagens (elemento visual), também contêm uma carga de significados, nas quais um signo depende do outro para que o todo seja compreendido.

A imagem que encontramos nas histórias em quadrinhos é fruto de um trabalho artístico manual, o desenho e este carrega de forma proposital a mensagem, a situação que o autor/desenhista pretende emitir. Isto faz com que o desenho carregue uma mensagem

icônica, como afirma Cagnin (1975, p. 33), “carregando em si, além das idéias, a arte, o estilo do emissor”.

A linguagem das histórias quadrinizadas, por meio de textos ou imagens, transmite informações que precisam ser decodificadas. Em meios aos traços, entramos na natureza codificada que cada HQ carrega. Partindo dessa ideia, entende-se que a mensagem codificada pode ser manifestada em três níveis:

primeiramente, reproduzir um objeto ou uma cena com o desenho leva obrigatoriamente a um conjunto de transposições regulamentadas; não existe uma essência da cópia pictorial e os códigos de transposição são históricos (notadamente no que concerne à perspectiva); depois, o processo do desenho (a codificação) conduz, de imediato e inevitavelmente, a uma seleção entre o *significante* e o *insignificante*. O desenho não reproduz tudo; muito freqüentemente reproduz pouquíssimas coisas, sem deixar, no entanto, de ser uma mensagem forte [...]. (CAGNIN, 1975, p. 33)

E assim, o que pode ser encontrados nos desenhos das HQ são imagens que agem como signos. Entretanto, a significação dessas imagens acontece de forma múltipla, uma vez que o desenho transmite a mensagem que o observador pode entender, e assim, se entende os desenhos, usando a carga de conhecimentos ideológicos, sociais e teóricos já existentes em cada leitor, por isso, a interpretação é onipresente.

Todos os elementos internos de um desenho, como as linhas, as figuras destacadas, os traços e etc., e os elementos externos, como as referências, o determinado meio social, e a cultura em si, vão formar o contexto da HQ. Conseguimos fazer a relação de todos esses “pontos” usando a nossa capacidade lógica fruto da percepção quando fazemos a leitura dos quadrinhos.

Sempre que vamos ler histórias em quadrinhos, devemos seguir um padrão de leitura específico para o gênero. Seguimos a ordem de leitura que nos é dada de acordo com a sequência de balões dos desenhos. Os textos dentro dos balões seguem um padrão horizontal de leitura, da esquerda para a direita de acordo com sua posição na página, nisto, a leitura é padrão, uma vez que lemos tudo da esquerda para a direita, seguimos o padrão de leitura da nossa língua. As HQ japonesas, conhecidas como “mangá”, também seguem o padrão de leitura da sua própria língua, sendo lidas de trás para a frente, em um fluxo de balões que vai da direita para a esquerda.

4. 1 NÍVEIS EM QUE SE PROCESSA A LEITURA DA IMAGEM (DESENHO)

A história em quadrinhos para Cirne (1975, p. 20) pode ser definida como a “soma de sintagmas e situações temáticas ou uma particular situação temático-sintagmática agenciada pela decupagem que polariza o discurso narrativo”. A narrativa nos quadrinhos vai acontecer no “salto de imagem em imagem” (p. 38), e como é fundado por imagens fixas, será possível notar que tais carregam signos que determinados por uma ideologia dão sentido a sua estrutura. Por mais que as imagens estejam relacionadas, como a narrativa é feita em salto de imagens, de uma posterior com uma anterior não muda o fato das mesmas serem representadas em um plano isolado.

4. 2 TEMPORALIDADE NA HQ

Na história em quadrinhos, a leitura está totalmente ligada ao tempo narrativo. A leitura das HQ pode se libertar e não seguir o tempo narrativo. Cirne (1975, p. 54) aponta dois modos de leitura para os quadrinhos:

- a) em várias direções, mesmo em algumas das séries mais tradicionais, b) em minutagens diversas, variando de consumidor para consumidor, de situação para situação, e só em algumas ocasiões específicas ligando-se de forma mais direta à estrutura sintagmática.

De acordo com Fresnault-Deruelle, citado por Cirne (1975, p. 54), quando lemos quadrinhos devemos observar o tempo da narração, que corresponde aos dizeres na história e ao próprio desenho, o tempo da ficção, que remete ao que foi dito ou ao fato. Além do mais, Cirne (1995, p. 54) acrescenta um terceiro tempo para as histórias quadrinizadas: “o tempo da leitura”. Quando analisarmos o discurso do gótico em *O Corvo* (2011), mostraremos como os tempos narrativos influenciam no sentido da história. Desta maneira, quando lemos *O Corvo* (2011) precisamos notar uma série de fatores para que a mensagem possa ser significada e explicitada em forma de interpretação de fatores góticos remetidos a discursos verbais e visuais que são o foco deste trabalho.

5 A CRIAÇÃO DA OBRA “O CORVO”

“*O Corvo*”, o romance gráfico criado por James O’Barr, cuja as 12 primeiras páginas foram desenhadas em 1981 e a primeira edição lançada em 1989, é fruto da inspiração que o autor teve algum tempo após a terrível notícia que a sua esposa tivera sido morta em um acidente de carro causado por um motorista bêbado. O’ Barr ficou totalmente arrasado com a

notícia. O autor explica que a personagem Shelley é uma referência a sua esposa, e que assim como Eric se sente culpado pela morte de sua amada, O'Barr se sentia da mesma forma, porque sua mulher foi morta em um acidente de carro devido a uma ligação que O'Barr fez pedindo para que “a garota que era Shelley” fosse o pegar em um determinado local, porque seu carro não tinha seguro. Devido a fatalidade, como explica em “O Corvo” (2011, p. 5-6)¹⁶, o autor se sentia responsável pela morte de sua amada.

Com o sentimento de culpa pelo assassinato da sua esposa, O' Barr, começa a desenhar O Corvo, esperando que de alguma forma toda a culpa e angústia que sentia fossem disseminados por seus traços melancólicos, agindo como uma “fúria assassina em tinta no papel que de alguma forma, magicamente, toda a dor, mágoa e comportamento autodestrutivo que se seguisse dissolveram” (O' BARR, 2011, p. 5, tradução nossa)¹⁷. Esta foi a forma que James O' Barr pensara para saciar a sua dor. A expondo no preto, de noites escuras em pranto, por meio de um herói byroniano, gótico e melancólico, carregado de sentimentos obscuros, morto por perto, mas vivo aos olhos, da mesma forma que O' Barr sentia-se.

5.1 “O CORVO”: ERIC DRAVEN COMO HERÓI BYRONIANO

Pretendemos apontar os resquícios de herói byroniano, ou herói romântico, presentes no personagem Eric Draven, do romance gráfico de James O'Barr, “*O Corvo*”. O herói romântico que tem suas origens no século XIX, influenciou diversos personagens contemporâneos e teve suas principais características definidas pelo escritor Lord Byron, que criou a figura de um personagem que segue suas próprias regras e estabelece seus próprios códigos morais. Esse típico herói é um indivíduo que não depende de conceitos postos pela sociedade, vive isolado e é deprimido, sente uma enorme agonia que aflige seus sentimentos, o transformando em um ser melancólico. O herói romântico tem a capacidade de escolher a forma que pensa ser correta para confortar seu pesar, como vive um grande conflito interno, é movido apenas pelo que sente seus atos sejam interpretados como os de um fora da lei (STEIN, 2009).

Uma vez que o herói romântico não segue nenhum valor previamente instituído pela sociedade, a não ser os que ele mesmo considera como certo e absoluto, o personagem estabelece uma autonomia máxima, que o transforma em um ser solitário de atitudes

¹⁶ Trecho original: “On her way to her car to pick me up, she was run down by a drunk driver, killed on the spot. But in my mind, in some sort of distorted monkey logic, I was responsible.”.

¹⁷ Trecho original: “I'd hoped bu putting all my murderous fury into ink on paper that somehow, magically, all the pain, hurt, and self-destructive behavior that followed would dissolve.”.

individualistas, carregando um propósito que transcende qualquer fator primordial de maior importância para a sociedade. Essas características ligadas ao sobrenatural, fazem com que o personagem não tema nem mesmo a morte. Dessa forma, o personagem que tem a influência de herói byroniano, age com total bravura para realizar suas próprias vontades, na intenção de saciar todo o mal que o aflige (STEIN, 2009).

O herói byroniano é umas das maiores heranças do Romantismo inglês, e surge quando os dois primeiros *Cantos de Childe Harold's Pilgrimage* (1812) foram publicados por Lord Byron, ganhando rapidamente reconhecimento e tornando o autor em uma das pessoas mais conhecidas da Inglaterra. O poema mostra toda a desilusão liberal de um período pós-revolucionário, e apresenta um personagem que impactaria toda a cultura ocidental. A importância do herói byroniano ultrapassa até mesmo a literatura, e pode ser considerado uma das fontes de inspiração para o conceito nietzschiano de super-homem¹⁸.

As características de herói byroniano influenciam muitos personagens contemporâneos, existe uma essência romântica em personagens como Eric Draven de “O Corvo” que tem fragmentos do herói com adaptações contemporâneas para formação do personagem. O processo de criação de um personagem com habilidades super-humanas, mas que é humanizado a ponto de sentir até mesmo empatia por causas humanas, como explica Stain:

Quase inevitavelmente, os criadores do herói byroniano contemporâneo não permitem que ele permaneça em sua condição de super-homem; eles o rehumanizam, na verdade, ou têm sua voz apropriada e admirada pelos valores humanos comuns, e lhe proporcionam um centro moral, e empatia com as preocupações humanas [...] (STEIN, 2011, p. 2, tradução nossa).¹⁹

Para analisarmos o romance gráfico “O Corvo”, usaremos uma edição definitiva que mostra toda a história e suas adaptações, acréscimos de cenas e também desenhos refeitos, tudo para complementar a primeira edição publicada em 1989. Salientamos que tudo que foi adicionado na HQ não faz com que a atmosfera gótica, marco de sua popularidade, seja

¹⁸ O termo **super-homem**, *Übermensch* em alemão, aparece no livro de Nietzsche “Assim falou Zaratustra” (1883), que mostrava a ideia de um ser superior aos demais e que, de acordo com Nietzsche era o modelo ideal para elevar a humanidade. Para o autor, “a meta do esforço humano não deveria ser a elevação de todos, mas o desenvolvimento de indivíduos mais dotados e mais fortes, criando assim uma atmosfera de individualidade e uma conexão muito forte com o eu. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/nietzsche-e-o-super-homem/> Acesso em 30 de maio de 2018.

¹⁹ Trecho original: “Almost inevitably, the creators of the contemporary Byronic hero do not allow him to remain in his superman condition; they rehumanize him, in effect, or have him voice approbation and admiration of ordinary human values, and they provide him with a moral center, and empathy with human concern [...]”.

perdida. Os adicionais reforçam os temas que são recorrentes dentro da história. Trechos e imagem que mostraremos da HQ, podem ser encontradas na edição *The Crow Special Edition* (2011), que traz sua mais recente versão da história, contendo também novas considerações de James O'Barr sobre seu trabalho e o impacto do mesmo em sua vida.

A edição que usamos de “O Corvo” não apresenta números nas páginas, no entanto, para que possamos fazer um trabalho de citações que possa ser melhor analisado, encontramos a necessidade de enumeramos as páginas, sendo a página número 1, a primeira página após a capa. O discurso do gótico e os resquícios de herói romântico, serão apontados na linguagem verbal da HQ, tal como na complexidade artística de representações significativas transpassadas pelos desenhos. A edição que usamos mostra que a HQ é dividida por títulos numerados, que correspondem às cinco primeiras edições que formam a versão completa da história. Intitulados como *book*, o romance gráfico detém de cinco *books*, dentre tais, *Book one- Pain*, *Book two- Fear*, *Book three - Irony*, *Book four- Despair* e o último, *Book five - Death*²⁰.

“O Corvo” (2011) ilustra a história de um crime hediondo e todas as consequências de tal ato. O gótico da obra é nítido em como os cenários foram desenhados, ilustrados em noites escuras e chuvosas, assim como a relação de vida mesmo depois da morte, dando um aspecto sobrenatural ao romance. Em meio a um discurso que expressa uma forte temática sentimental, regida pela dor, melancolia, insanidade e ódio, que são atribuídos às ações de um personagem que vive mesmo após ter sido vítima de um cruel crime, em um duplo assassinato, que tirara sua vida e a de sua noiva, Shelly, Eric Draven, um homem que já tivera uma vida como mortal, sente a necessidade de vingança contra um grupo de criminosos, e não mede esforços para cumprir o que instituiu como fator principal de sua existência.

Após um ano da noite que destruiu todas as chances de felicidade da sua vida, Eric de alguma forma sobrenatural, volta a andar pelas violentas ruas de Detroit, em busca de vingar todo o sofrimento que a atrocidade desse crime o tivera feito sentir. Com uma forte ligação a visões do passado, os fragmentos da noite em que mataram Eric e sua noiva, refletem a estadia angustiante do personagem um ano depois de sua morte, fazendo-o sentir uma dor que é a principal força regidora de seus atos.

Em meio aos traços em preto e branco, a narrativa proporciona um tom obscuro, que enfatiza a cor preta sempre aliada a terríveis acontecimentos. Eric Draven, ou o **Corvo**, demonstra uma personalidade romântica com visual contemporâneo. É notável no personagem

²⁰ Livro um Dor, Livro dois Medo, Livro três Ironia, Livro quatro Desespero, Livro cinco Morte.

indícios do herói romântico, quando observamos o conflito interno que vive, e como isso se torna uma das características que o move, impulsionando sua vingança. Ao mesmo tempo que atinge seus objetivos, não sente algum prazer com isso, pois sofre e transparece uma tremenda tristeza, que o faz desiludir-se com a vida, sentindo-se depressivo, e agindo como um suicida, em busca de uma vingança autodestrutiva.

O personagem se mutila, usa drogas, e abraça sua solidão nas noites escuras e frias de um outubro sem fim. Dessa forma, encontramos uma narrativa que apresenta um personagem movido por razões individuais, em busca de alívio para sua prostração e sendo tais interesses, sua única forma de sobrevivência. Mesmo com habilidades super-humanas, o personagem demonstra traços humanos, uma vez que revela uma alta sensibilidade sentimental, o que nos faz perceber o personagem como apenas um sujeito comum que vive em exílio, uma forte característica de resquícios do herói romântico no personagem.

Eric tem uma forte ligação com um corvo, assim, existe uma temática sobrenatural na relação do personagem com a ave. Essa ligação entre o corvo e Eric nos remete ao poema de *The Raven* (1845) de Edgar Allan Poe, um dos mais aclamados autores do *Dark Romanticism* americano, um subgênero americano do movimento Romantismo. No poema de Poe, o corvo representa a loucura e melancolia do narrador devido a perda de sua amada, Lenore. A ave negra faz parte do estado nostálgico e melancólico do narrador que sente o pesar de não ter mais a pessoa que ama viva, seus pensamentos são apenas de dor e sua única companhia é o corvo em sua sala, no qual o narrador direciona as palavras:

“Profeta, ou o que quer que sejas!
 Ave ou demônio que negrejas!
 Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
 Por esse céu que além se estende,
 Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
 Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
 No éden celeste a virgem que ela chora
 Nestes retiros sepulcrais,
 Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!”
 E o corvo disse: “Nunca mais.”. (POE, 2013, p. 28)

Nesta perspectiva da representação da ave para Romantismo como símbolo de desgraça e tristeza, O’Barr recria em sua HQ uma ave que carrega os elementos representativos do Romantismo, que parece ser a responsável pela ressurreição de Eric. O corvo dialoga com o personagem em diversas partes da história, dentre as suas falas mais

recorrentes, ele emite: “Não olhe, Eric” (O’BARR, 2011, p. 37)²¹, um conselho que a ave parece dar ao personagem sempre que ele pensa em sua noiva assassinada, ou a qualquer sentimento de pureza e felicidade que já sentiu antes de ser assassinado. Desta maneira, a ave serve como símbolo que se “refere ao objeto que denota por força de uma lei, geralmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de levar o símbolo a ser interpretado como se referindo àquele objeto” (PEIRCE, 1975, p.102). Na HQ, o corvo simboliza a tragédia que matara Eric e Shelly e a toda dor e melancolia que o personagem sente resultante dos acontecimentos que lhe atormentam de maneira incessante.

A primeira página que inicia o romance gráfico a tem como tema *Lament. Pain & Fear* (p, 11), e mostra dois temas por meios de versos. O primeiro é Pain, ou em português, dor, que alude a noite fria de outubro onde tivera acontecido o crime contra a vida de Eric e de sua noiva. Temos a ideia da fala de Eric, por meio do eu lírico nos versos, que impressos na página completamente preta com letras brancas, descrevem: “[...] Um homem... Uma garota ... loucura... dor... e as sombras... meu Deus as sombras...” (O’BARR, p. 12)²². As sombras além de indicar a luz do ambiente que o personagem descreve, também aponta um forte vínculo com estética escura da HQ, que uso de tons escuros, para descrever os sentimentos do personagem.

A ideia de sombras que é descrita pelos versos, é apresentado novamente em uma cena onde o Corvo encontra Tin Tin (p. 34). Essa característica da HQ de repetir falas ou ideias anteriormente mencionadas, faz com que o que o leitor sinta algo como *flashbacks*, tal como acontece com Eric durante boa parte da história.

No segundo tema, *Fear*, em português medo, notamos que o eu lírico não se refere a Eric, porque o sentimento de dor, o fizera sentir o ódio, o que resulta na sua vingança, e sendo incapaz de demonstrar qualquer fraqueza ou perdão para com os responsáveis do horrendo crime gerador de toda a enfermidade pela qual passara. Nos versos encontramos: “Nunca devemos esquecer e nem perdoar. E nunca sentir medo. Medo é para os inimigos. Medo e balas.” (O’BARR, p. 12, tradução nossa)²³. Eric não demonstra qualquer medo no seu discurso vingativo, isso mostra como o herói tem autonomia para eliminar de si qualquer sentimento que possa o fazer fraquejar, como é o caso do medo, mas de acordo com o Corvo, “o medo é para os inimigos”. O personagem de Eric Draven, ou *O Corvo*, se assemelha à ideia de herói romântico, uma vez que é um sujeito melancólico, que se mostra depressivo, agressivo e

²¹ No original: “Don’t look, Eric”

²² Trecho original: “[...] A man... a girl ... madness... pain... and the shadows... my God the shadows...”.

²³ Trecho original: “We shall never forget and never forgive. And never ever fear. Fear is for the enemy. Fear and bullets.”.

agindo de modo individualista, com suas habilidades super-humanas, tem total autonomia para agir em prol do que pensa que deve ser feito, criando suas próprias regras que regem a conduta de seus atos.

Os traços de herói byroniano estão em sua essência, como a forte perturbação em seus pensamentos, sua alta sensibilidade sentimental e a melancolia resultante disso tudo. Em meio a sua total desgraça e insanidade, existe uma espécie de missão advinda do outro mundo, onde Eric não demonstra compaixão pela vida daqueles que participaram da destruição da sua e da sua amada. Nada pode impedir com que Eric alcance sua vingança, o personagem é autossuficiente e capaz de fazer qualquer coisa para realizar o seu objetivo vingativo, ele diz: “Balas não me param... Facas não me ferem.” O’BARR, 2011, p. 36, tradução nossa)²⁴, o que mostra a invulnerabilidade do personagem.

A atmosfera gótica serve de cenário para toda a violência e decadência de uma sociedade contemporânea, apresentando uma cidade em ruínas. A lei não funciona, tudo parece está fora de controle. O’Barr cria um personagem que foi uma vítima fatal desse contexto e que pretende trazer a justiça em meio à caótica bandidagem de um espaço urbano. O Corvo ataca usando um figurino todo preto, que nos remete a ideia de visual gótico contemporâneo, sendo suas vestes coturno, calça de couro, jaqueta, sobretudo, correntes e etc. Tem a pele pálida destacada em uma maquiagem preta e branca, criando um visual que pode nos remeter aos góticos contemporâneos do movimento musical pós-punk, que tinha como representantes Robert Smith, líder e vocalista da banda The Cure. O Corvo é descrito por uma testemunha à polícia como sendo “um **vampiro** de 2 metros de altura, como Drácula ou algo do tipo” (O’BARR, 2011, p. 52, tradução nossa)²⁵. Assim, a imagem do Corvo sempre é associada a referências góticas, como a uma das figuras mais emblemáticas da ficção gótica, Drácula. As roupas do personagem podem ser vistas nas seguintes páginas do HQ:

²⁴ Trecho original: “Bullets don’t stop me... Knives don’t hurt me.”

²⁵ Trecho original: “seven foot **vampire**, like Dracula or somethin’.”



Figura 5: Os figurinos góticos do Corvo.²⁶

No terceiro quadrinho da primeira página, vemos um dos figurinos de Eric, na página ao lado de quadrinho único, notamos que a roupa e penteado do Corvo é semelhante a estética gótica adotado pelos góticos do movimento pós-punk.

Em muitas partes da narrativa o Corvo emite um discurso que nos remete a toda agonia que carrega consigo, como quando diz: “Eu sou um homem em ebulição...Eu conheço a dor em nível molecular... ela pulsa em meus átomos... canta para mim em um alfabeto de medo”²⁷(O`BARR, 2011, p. 17, tradução nossa). As palavras em negrito são igualmente exibidas em negrito dentro dos balões da HQ, representando as falas do personagem. Essa é uma característica forte durante toda a HQ, que sempre nos faz pensar ainda mais sobre as palavras em destaque, e desta maneira, ficamos mais atentos a elementos visuais, que tanto nas imagens, quanto no do discurso, coloca o leitor em constante contato com temas como

²⁶ Disponível em *The Crow Special Edition*, 2011, p.119-120.

²⁷ Trecho original: “I am the **boiling man**... I know **pain** at the molecular **level**... It pulls at my atoms... **sings** to me in an alphabet of **fear**.”.

destruição, dor, medo, paranoia e etc. Essa forma de expressar os temas centrais da história é proposto por toda a HQ.

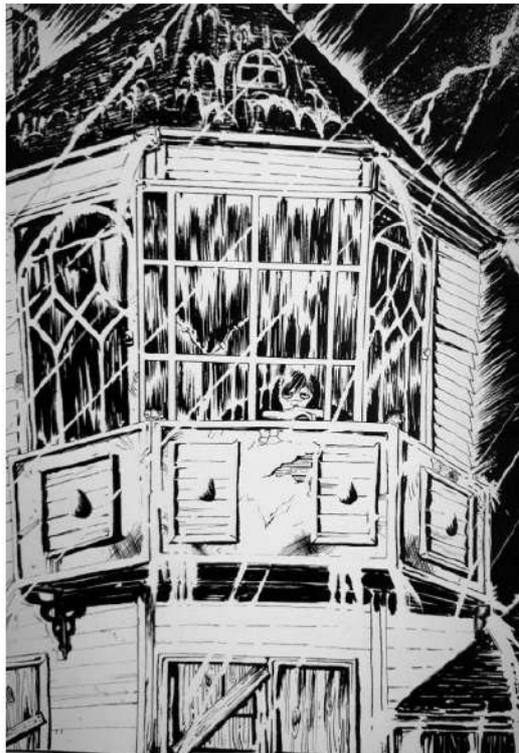


Figura 6: Casa de Eric Draven.²⁸

Na figura acima, notamos a expressão de profunda tristeza de Eric, olhando pela janela a chuva, que parece complementar a essência de tristeza do personagem em meio a escuridão de uma noite gótica. O personagem não consegue se conformar com a ideia da morte de sua amada, e mesmo depois de um ano após o crime, tudo parecia o mesmo, como se o crime fizesse parte daquela noite em que vivia, mesmo depois de ter sido assassinado. Notamos que existe uma forte ligação entre o antes e o agora, fazendo com que todas as noites após a sua volta sobrenatural, fossem tão tenebrosas quanto a do crime que tirara a vida de dois inocentes. Essa ligação entre passado e presente é vista em falas como: “**Olhe! É lua cheia...também era lua cheia naquela noite...**” (O’BARR, 2011, p. 19, tradução nossa)²⁹. A ênfase central da história continua sendo repetida para que possa ser lembrada a todo

²⁸ Disponível em *The Crow Special Edition*, 2011, p. 40).

²⁹ Trecho original: “**Look! it’s a full moon... It was a full moon that night, too...**”.

instante a bárbara atrocidade pela qual Eric e Shelly tivera passado, ligando tudo ao Corvo, que com seu senso de justiça do que deve ser feito para punir os criminosos, articula seus movimentos e expressa seus pensamentos no que parece ser uma missão auto-destrutiva, no entanto, vingativa.

Deste modo, o personagem Eric Draven não pode ser interferido durante a realização de seus interesses. Nem os criminosos e nem a polícia pode impedi-lo de efetivar sua vingança, porque além de ser como um fantasma com corpo de humano, que faz com que não sinta nenhuma dor física, mesmo quando os inimigos o fazem sangrar, o Corvo não segue nenhum tipo de código moral proposto pelos ideais sociais como fator de moralidade. Sendo assim, o personagem obtém a sua total autonomia, que é um fator marcante no herói byroniano, uma vez que a justiça que o personagem pretende exercer é predominante a qualquer outra causa ética ou moral, proposta pela sociedade.

Como o personagem age com a total certeza da concretização de seus desejos, temos a criação de uma personalidade que emite a melancolia de um estado lastimável da mente, usado por meio de um discurso de lamentações que acompanha a ironia e humor sardônico. Notamos o sardonismo do personagem em uma cena do *Book 2* na qual o personagem está prestes a se vingar de Tom Tom, um dos criminosos que estava presente na noite do crime. Eric faz uma velha piada, sobre Jesus chegar em hotel com três pregos na mão, entregar para o hospedeiro e lhe pedir um quarto. Originalmente a piada sardônica na HQ é: “Jesus Cristo entra em um hotel... Dá três pregos ao balconista e pergunta... Vocês têm um quarto pra mim?”³⁰ (O’BARR, 2011, p. 73). Eric cria um conflito até mesmo com Deus, não aceitando a morte da amada e O culpando por isso, como notamos na no quadrinho a seguir:

³⁰ Trecho original: “Jesus Christ walks into a hotel... He hands the innkeeper three nails and asks... Can you put me up for the night?”.



Figura 7: Eric chorando e culpando Deus por não ter impedido o assassinato de sua amada.³¹

O romance gráfico de O’Barr (2011) expressa no lúgubre discurso do gótico contemporâneo com um personagem principal que aduz traços românticos de herói byroniano. O carácter melancólico do personagem, e da HQ, é reforçada por meio de poemas encontrados entre as páginas da história, e fazendo uma espécie de complemento de teor

³¹ Trecho original: “God, you bastard. How could you do that to her How could you make something so soft and innocent and beautiful and then destroy it? How could you do that? How could you mke her suffer like that? You bastard.” (O’BARR, 2011, p. 134).

deprimente. São usadas poesias do famoso escritor simbolista francês, Arthur Rimbaud, assim também como letras de bandas pós-punk, como The Cure e Joy Division.

Uma vez que o Corvo age em função do que sente, e tem total autonomia para fazer o que quiser na tentativa de alcançar o desejado, notamos a criação de um simbolismo para o personagem, que expressa um discurso hipocondríaco de herói romântico, perpassando a calamidade em que o personagem se encontra, reforçando a total certeza do que o personagem é, usando de metáforas para simbolizar o seu real significado. Em uma de suas falas, o personagem se descreve: “Eu sou um **erro do piloto**, um **parto complicado**, um **chromossomo aleatório**. Eu sou a loucura completa e total... Eu sou o medo...”³² (O’BARR, 2011, p. 84, tradução nossa).

A forma que o Corvo conversa com seus inimigos, geralmente fazendo perguntas enigmáticas, usando de ironia ou sarcasmo, enfatiza sua capacidade de raciocinar e emitir discursos melancólicos, filosófico, irônicos, ou todos ao mesmo tempo. Movido pelo infortúnio que sente, cria uma situação de desconforto para com seus inimigos, porque “o medo é para os inimigos, medo e balas”³³ Eric questiona Funboy: “São os ossos dos seus pecados afiados o bastante para atravessar suas próprias desculpas?” (O’BARR, p. 105, tradução nossa)³⁴. Dessa forma, O Corvo sempre aparece para seus inimigos e rapidamente já articula seu discurso metafórico, que sempre é direcionado para estabelecer pavor nos criminosos.

Eric Draven nunca demonstra fraqueza quando encontra seus inimigos, porém, o personagem sempre aparece em desenhos, que marcam espécie de capas para novos capítulos, transparecendo toda sua dor por gestos que faz com que o leitor entenda que ele passar por uma situação deprimente, junto com um discurso metafórico, entendemos a melancolia pela qual passa o personagem, que vive uma “vigília eterna” (O’BARR, 2011, p. 99) alimentada pela dor da perda da amada. Notamos na imagem a seguir o sofrimento pela qual Eric enfrenta sozinho e que parece ser eterno:

³² Trecho original: “I am **pilot error**, I am **fetal distress**, I am the **random chromosome**. I am complete and total madness... I am fear...”.

³³ “Fear is for the enemy, fear and bullets” (O’Barr, 2011, p. 68).

³⁴ Trecho original: “Are the bones of your sins sharp enough to cut through your own excuse?”.

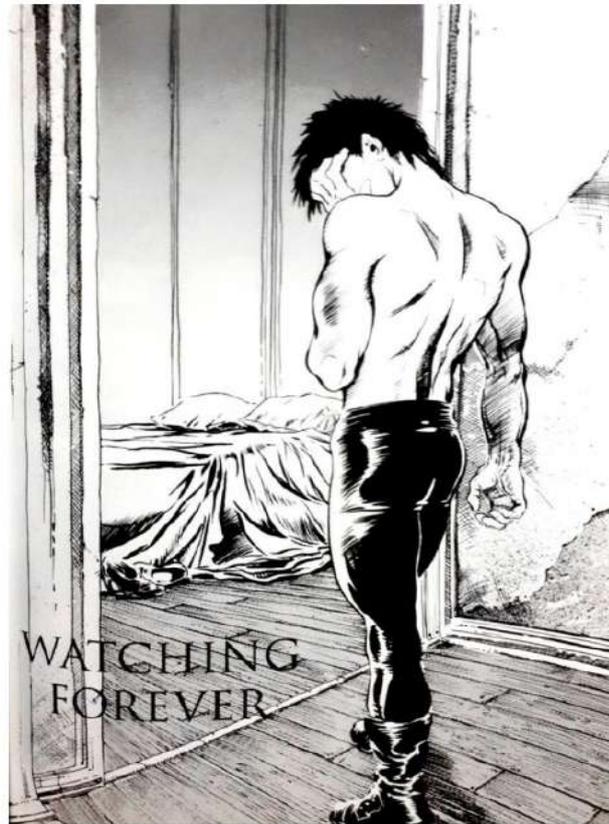


Figura 8: Notamos Eric com a expressão de pesar.³⁵

O fardo que Eric carrega o fere de várias formas e destrói qualquer chance de bem-estar. Notamos que o narrador usa discurso metafórico quando diz: “Eis um homem... tocando violino... e as cordas... são os nervos de seu próprio braço”³⁶ (O’BARR, 2011, p. 38, tradução nossa), para expressar o quanto o personagem está disposta a se ferir para saciar a sua dor. Além do mais, se analisarmos os traços que o personagem carrega na imagem acima notamos resquícios do *Gothic Queer*, uma vez que existe uma ênfase nos traços do desenho que dão um teor sexual, enfatizando os detalhes do corpo do personagem de uma forma que foge dos padrões heteronormativos e expondo o gótico e sua melancolia com traços *queer*³⁷.

³⁵ Disponível em *The Crow Special edition*, 2011, p. 110.

³⁶ Trecho original: “There is a man... playing violin... and the strings... are the nerves in his own arm...”.

³⁷ O termo *queer* pode ser usado para significar ser uma pessoa excêntrica, que quebra o paradigma de quaisquer distinções claras sobre a identidade sexual de uma pessoa. Disponível em: <http://www.gothic.stir.ac.uk/guestblog/queer-gothic/> Acesso em 05 de junho de 2018.

Durante a maior parte das cenas que Eric se encontra longe de seus inimigos e isolado, notamos a melancolia da essência byroniana no discurso da HQ, como na imagem abaixo, onde o narrador referindo-se a Eric, que se mutila e é notado hora através do discurso verbal, hora pelas imagens, relacionando tais a amada, que é representada entre um dos quadrinhos como uma caveira de vestido e cabelos soltos:

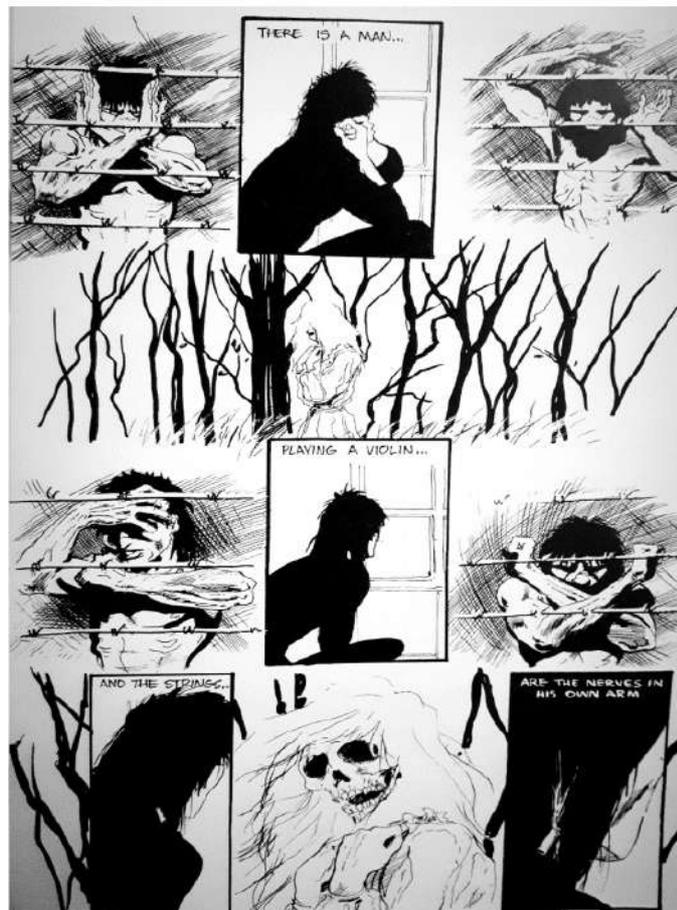


Figura 9: Eric e Shelly.³⁸

³⁸ Disponível em *The Crow Special edition*, 2011, p. 38.



Figura 6: Mutilação, Shelly e Eric³⁹

Na primeira figura, vemos Eric se mutilando e o narrador falando sobre um homem que toca violino usando como cordas os nervos do próprio braço, e na parte baixo dos quadrinhos de forma centralizada temos a alusão a Shelly, como uma caveira. E na segunda figura, ele e sua amada, Shelly, o que nos faz entender o primeiro quadrinho desta página, em razão do segundo, significando a mutilação.

A forma como Eric lida com a perda do grande amor de sua vida, mostra o tamanho do mal que devasta seus sentimentos e conduz suas ações, o levando a manifestar discursos melancólicos e agir na sua insanidade individualista, digna de um herói romântico que sofre na solidão e encontra na vingança uma razão para viver, tendo a autonomia para recusar até mesmo a morte, notado quando diz: “Não é morte se você recusá-la”⁴⁰ (O’BARR, 2011, p, 122, tradução nossa).

Assim, a autonomia de Eric para escolher quando deve morrer faz com que ele realize sua vingança e destruía todos os seus inimigos, concretizando o seu desejo principal e único fator que o mantém vivo. O personagem só pode morrer se alcançar o seu objetivo, notamos

³⁹ Disponível em: *The Crow Special Edition*, 2011, p. 136.

⁴⁰ Trecho original: “It’s not death if you refuses it.”

na última cena da HQ o personagem sentado ao lado das lapides onde ele e sua amada foram enterrados, Eric conversa sozinho e emite: “Lembra quando você disse **“você é meu?”** e eu disse **“Eternamente”**. Você disse **“apenas eternamente?”** Eternamente...**é agora**” (O’BARR, 2011, p. 251, tradução nossa)⁴¹. Com o seu objeto concretizado, Eric sente que está pronto para morrer, e aceita a morte. Mesmo não mostrando como é sua morte, notamos que a narrativa traçada pelos desenhos da HQ nos faz pensar que o personagem cometeu suicídio, porque temos a imagem da mão de Eric e ao lado uma arma no chão, indicado que ele foi o responsável por tirar sua própria vida, no momento que decidiu que tudo que devia ser feito estava finalmente completo, dando um fim aos seu conflito e a sua estadia na terra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição gótica teve contribuições para diversas gerações, a sua influência para a arquitetura, arte, literatura, música e cinema, proporcionaram um acervo de obras que caracterizam a ideia do que é o mítico e com o que ele se parece. Notamos através do romance gráfico de James O’Barr, que o discurso do gótico faz parte da obra desde de sua impressão em preto e branco, que dar um visual mais sombrio para a HQ, ao teor sobrenatural da história que tem o seu personagem principal com características de um herói romântico, uma das maiores contribuições do gótico para a era romântica, que influenciou diversos personagens ao longo do tempo, chegando na contemporaneidade e estando presente em personagens como Eric Draven.

Através desse trabalho percebemos a importância do herói romântico e dos elementos góticos, para diversas áreas, dentre elas para o mundo das HQs. Esses fragmentos servem como linguagem e faz com que o leitor tenha contato com uma obra que carregam o discurso que é capaz de carregar consigo a influência para ser associado a outrem discursos, fazendo com que o leitor tem contado com o que é considerado gótico e romântico mesmo em uma obra contemporânea.

É em personagens como o corvo que entendemos o conflito de um herói romântico. Estando em um ambiente formado por uma atmosfera gótica, com chuvas constantes de um outubro escuro, o personagem que renasce dos mortos e tendo como único propósito vingar o assassinato de sua amada, transparece sentimentos como melancolia e raiva, assim como o medo, porém para os inimigos. Eric se mostra totalmente autônomo no que pretende fazer e

⁴¹ Trecho original: “Remember when you said **“mine”** and I said **“forever”**. You said **“only forever?”** It’s forever, **now**.”.

mesmo sofrendo um conflito interno que é de praxe uma característica do herói, consegue agir em prol do seu objetivo, a única coisa que o move.

A contribuição desse trabalho para o meio acadêmico será para a compreensão da influência da cultura gótica em diversas áreas, dentre elas o mundo das HQs. Mostrando a ideia do gótico, impulsionado por discurso que apresenta resquícios de herói romântico na essência do personagem principal da obra analisada, proporcionando a relação de ideias advindas de áreas como literatura, cinema e música em conjunto com a linguagem e estética das HQs.

7 REFERÊNCIAS:

BYRON, George Gordon. **Poesias de Lord Byron**. Tradução Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Art Editora, 1989.

CAGNIN, Antônio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo, Ática, 1975.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

JAMES O'BARR ALONG FOR THE 'RIDE'. **The Crow creator talks up his new Image book and offers tattoo enthusiasts some career advice**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20071210001105/http://www.wizarduniverse.com/conventions/texas/006266510.cfm>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

New World encyclopedia. **Dark Romanticism**. Disponível em: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Dark_romanticism> Acesso dia 30 de maio de 2018.

MOACY, Cirne. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada**. Petropolis, Ed. Vozes Ltda, 1975.

O CORVO, Edgar Allan Poe; Trad. Fernando Pessoa; Trad. Machado de Assis. Disponível em: <http://www.geocities.ws/codinome_v/ocorvo.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2018.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e Filosofia**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix e Universidade de São Paulo, 1975.

POE, Edgar Allan. **O Corvo**. Tradução: Machado de Assis, Fernando Pessoa. Ed.: DarkSide, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/darksidebooks/docs/freebook_o_corvo>. Acesso dia 01 de junho de 2018.

O MENINO AMARELO. **O nascimento das histórias em quadrinhos**. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/yellowkid.pdf>>. Acesso dia 30 de maio de 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. Ed. São Paulo Iluminuras: FAPESP, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

STEIN, Atara. **Byronic Hero in Film, Fiction, and Television**, 2009.

STEVENS, David. **The Gothic Tradition**. Cambridge University Press; Edition Unstated edition, 2000.

THE GOTHIC IMAGINATION. **QUEER GOTHIC**. Disponível em <<http://www.gothic.stir.ac.uk/guestblog/queer-gothic/>>. Acesso dia 05 de junho de 2018.